

## O JORNAL COMO FONTE PARA A RECUPERAÇÃO DOS PADRÕES HABITUAIS DE UMA SOCIEDADE: OS CASAMENTOS EM RIO GRANDE

ADRIANA KIVANSKI DE SENNA\*

O acesso às informações contidas nos periódicos que foram preservados até hoje tornou-se uma atividade recorrente entre os pesquisadores em História, que têm nos jornais um aparato imprescindível para o preenchimento de lacunas deixadas pelas fontes tradicionais, mormente naquelas questões pertinentes ao cotidiano de uma região. Assuntos sociais, como os casamentos, que efetivamente ganham um maior espaço na imprensa social a partir da Proclamação da República (que instituiu, entre outros atos, o casamento civil), obrigam-nos a repensar as fontes costumeiramente percorridas, nos temas relacionados à família e à nupcialidade e a incluir definitivamente os jornais como testemunho e possibilidade para estes estudos.<sup>1</sup>

Supostamente de natureza “tendenciosa”, a imprensa foi aos poucos afirmando-se e superando certos preconceitos que de início dificultaram sua utilização como fonte histórica, tanto que, nas últimas décadas, um número cada vez maior de trabalhos vem utilizando as informações e/ou opiniões expressas nos periódicos para promover reconstruções históricas acerca dos mais variados setores da vida brasileira.

Alves afirma que, para utilizar a imprensa em História, fundamentalmente o pesquisador depara-se com “duas vertentes básicas: a de realizar uma história através da imprensa, ou uma história da imprensa”<sup>2</sup>. Segundo ele, ao realizar uma história através da imprensa, situação em que é colocado o presente trabalho, o pesquisador utiliza-se das informações contidas nos periódicos para recuperar aspectos ou a totalidade de informações de uma sociedade na qual o jornal circulou ou fez referências. Na outra possibilidade, a que vislumbra uma história da

\* Professora do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG; Mestre em História do Brasil.

<sup>1</sup> SENNA, Adriana K. de. Os casamentos sob o enfoque jornalístico: o que se tornava notícia. In: ALVES, Francisco das Neves, TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Imprensa & História*. Porto Alegre: APGH-PUCRS, 1997. p. 33.

<sup>2</sup> ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Porto Alegre: PUCRS, 1996, p. 9. Dissertação.

imprensa, tem-se o próprio jornal como objeto de estudo, percebendo-se o modo como determinados aspectos ou uma dada realidade é por esse jornal veiculada.

Ao longo do século XIX e meados deste, a imprensa escrita teve um papel significativo na formação dos hábitos, dos gostos, das atitudes, dos desejos e, enfim, da opinião pública, tornando-se um "instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social", promovendo análises em que a imprensa pode ser um "agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais".<sup>3</sup>

Mistura do "certo e do falso", o texto jornalístico deve ser interpretado além do seu sentido literal; os jornais agiram como propagadores dos princípios que nortearam as transformações e/ou a manutenção do *status quo* de determinadas sociedades, tendo em vista sua possibilidade de informação e principalmente de divulgador de opiniões. Ao tornar pública a discussão desses princípios, não só por noticiá-los, mas também por posicionar-se em relação aos conteúdos expressos, cada periódico gerou sua própria construção discursiva sobre estes, numa manifestação do poder através da palavra. Ainda no século XIX, ao lado do jornalismo político-partidário, dá-se o surgimento do jornalismo noticioso na Província do Rio Grande do Sul, progressivamente uma alternativa àquele primeiro modelo. Esta possibilidade é viabilizada graças aos progressos econômicos e sociais que a região alcançava.

A multipolarização de interesses da sociedade exigia esforços no sentido de resgatar o caráter informativo dos jornais, encontrando-se latente, nesta mesma sociedade, o interesse pela "cultura, as ciências e as humanidades".<sup>4</sup>

O telégrafo e os interesses mundiais, promovidos por uma nascente globalização, geravam uma demanda por notícias. O jornalismo literário e noticioso tornou-se um especialista "na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário"<sup>5</sup>. Atingir o público em geral (uma questão de sobrevivência) leva os jornais noticiosos e literários a abdicar do maior anseio dos periódicos político-partidários: formar e conduzir a opinião pública.

Será entre 1890 e 1920 que o jornalismo literário-noticioso terá o seu apogeu. Nessa época, multiplicam-se em todo o Rio Grande do Sul os jornais comprometidos com esse modelo jornalístico. O ciclo de desenvolvimento econômico-social, cujo início deu-se em meados do século XIX, estava passando por seu auge e a sociedade encontrava-se em

<sup>3</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 21.

<sup>4</sup> RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 44.

<sup>5</sup> Idem, p. 45.

processo de modernização, afetando o jornalismo em seu conjunto. Superando o predomínio literário, deu-se, ainda nessa época, "a consolidação do componente noticioso do regime jornalístico"<sup>6</sup>; comentários opinativos tornaram-se a tônica dos textos, que em muitos casos deixaram de ser apenas informativos.

A preocupação dos jornais, inclusive político-partidários, dá-se com a seção noticiosa, levando em conta a crescente necessidade de transformar essas folhas numa possibilidade de acesso farto, seguro e recorrente de informações para o público leitor.

## OS JORNAIS QUE CIRCULAVAM EM RIO GRANDE: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Os diários rio-grandinos procuraram incessantemente "incluir-se no seletivo grupo dos praticantes de uma imprensa séria, numa manifesta intenção de distingui-los da pequena imprensa".<sup>7</sup>

Dessa forma, com o intuito de observar e acompanhar a sociedade rio-grandina nos seus aspectos cotidianos, notadamente através dos casamentos no período de 1889 até 1914, recorreu-se às principais folhas de circulação na cidade e que tiveram uma relativa perenidade e longevidade, destacando-se os jornais *Echo do Sul*, *Diário do Rio Grande*, *O Artista* e ainda *O Corymbo*.

Torna-se necessário, com o fim de esclarecer as principais informações transmitidas pelos jornais rio-grandinos acerca do casamento, traçar algumas considerações sobre o cunho informativo prestado pelas principais folhas da cidade no final do século passado e início deste.

### *Diário do Rio Grande*

Segundo Alves, o *Diário do Rio Grande* foi fundado em 16 de outubro de 1848, tendo como fundador e principal redator "o rio-grandino Antônio José Caetano da Silva" e primando, objetivamente, pela informação (discreta e descritiva), alinhando-se às novas tendências do jornalismo da época.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 49.

<sup>7</sup> ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Porto Alegre/PUCRS, 1998. p. 125. Tese.

<sup>8</sup> ALVES, Francisco das Neves. 1848: a cidade do Rio Grande e o surgimento do *Diário do Rio Grande*. In: ALVES, Francisco das Neves, TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 84-85, 88.

O *Diario* apresentava-se “como um representante da imprensa séria, não interessado na discussão de questões de cunho pessoal”<sup>9</sup>. Basear-se na razão, não na paixão, era o seu lema.

Esta questão que o jornal fazia de sempre declarar-se como folha séria, bem como a constante manifestação de uma suposta neutralidade, agindo em nome do bem geral, estiveram relacionadas com os seus interesses comerciais, de modo que a manutenção dessa linha editorial significava também a garantia da sustentação do periódico.

De caráter conservador em seu início, apoiava as reformas paulatinas que levariam à grandeza da nação; na etapa em que aderiu aos princípios liberais, somente as amplas mudanças propostas interessariam ao país.

Aderindo a um ou outro interesse partidário, a folha optou por uma suposta neutralidade apolítica, de acordo com os interesses do momento.

No entanto, a República representaria uma ruptura nessa conduta, tendo em conta que o jornal a princípio apoiou os novos governantes, para em seguida demonstrar-se um pouco frustrado com os rumos que o país seguia. O acirramento das disputas partidárias e o cerceamento à liberdade de expressão levariam o periódico a mergulhar numa etapa de silêncio político absoluto até quase o final de sua circulação.

Em relação às notícias sociais, em que podemos inserir aquelas relacionadas ao casamento, o *Diario do Rio Grande* evidenciou uma postura bastante neutra e cômoda em relação ao advento do casamento civil, não emitindo qualquer manifestação sobre o tema, preocupando-se apenas em reproduzir as manifestações legais emitidas pelo governo federal, ou demais atos sobre o tema e publicados em outros jornais locais.

O sinal mais evidente de sua posição deu-se em 1901, utilizando o subterfúgio de referir-se a outro país para demonstrar um problema brasileiro semelhante. Nesse ano, a redação organizou um artigo sobre a precedência do casamento civil sobre o religioso (na França), frisando que aos padres não interessava o primeiro, pois não reconheciam o estado marital antes de ser o matrimônio abençoado pela Igreja, franca evidência do problema similar que por aqui ocorria.

Como os demais jornais de publicação diária em Rio Grande, o *Diario* também noticiava as ocorrências de algumas celebrações matrimoniais e publicava também os editais de proclamas. Em seus anúncios, com frequência apareciam propagandas de lojas que se destinavam à satisfação das noivas.

<sup>9</sup> ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Porto Alegre/PUCRS, 1998. p. 161.

## O Artista

Surgido em 15 de setembro de 1862, *O Artista* era de propriedade de “Guimarães, Lemos, Cunha, Mello e Cia., todos operários do *Echo do Sul*”<sup>10</sup>, distinguindo-se por ser um jornal que defendia os interesses dos trabalhadores.

Praticamente por toda a sua existência, o *Artista* foi eminentemente adepto às concepções liberais. Ainda em seus primeiros anos de circulação, quando se constituía num semanário dirigido mais especificamente aos trabalhadores artífices, o jornal fazia questão de declarar-se como um liberal puro e convicto. De acordo com essa postura, após a sua transformação em diário comercial, político e noticioso, o jornal evidenciou ainda mais sua preferência partidária, transformando-se em órgão doutrinário a serviço dos liberais.

Mesmo com esta identificação partidária tão evidente, este diário rio-grandino não se descuidava de suas seções informativas e comerciais, pretendendo apresentar as notícias dentro da maior brevidade possível, bem como prestar o melhor fornecimento de dados a respeito do movimento portuário, passagem de navios pela Barra, mudanças cambiais e valor de mercadorias, informações de significativa importância tendo em vista a base econômica da comunidade rio-grandina. Também este jornal buscou identificar-se com a imprensa séria, apresentando o jornalismo como portador de uma função social ligada à missão de melhor esclarecer seus leitores, deixando de lado qualquer tipo de debate que, abandonando a razão, viesse a revolver as paixões pessoais.

Quanto às questões sociais, o *Artista* manteve uma postura bastante neutra, e, a exemplo dos demais periódicos locais, também publicava anúncios “para noivas”, divulgava os proclamas e reproduzia as questões que suscitavam dúvidas na população quanto ao casamento civil (noticiadas primeiramente no *Diário Oficial* e só então repassadas integralmente pelo *Artista*).

## Echo do Sul

Conforme afirma Alves, o jornal *Echo do Sul* teria sido criado, ainda na década de 50 do século passado, na cidade de Jaguarão, vindo a transferir-se para Rio Grande – “tendo em vista certos desentendimentos políticos de parte do responsável pela folha” – em 1858.<sup>11</sup>

Durante praticamente toda a sua existência, o *Echo do Sul* caracterizou-se pelo partidarismo como meta publicitária, não se omitindo

<sup>10</sup> PEREIRA, Nalde Jaqueline. As origens de *O Artista* (1862-3). In: ALVES, Francisco das Neves, TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 122.

<sup>11</sup> Idem, p. 218.

em manifestar suas convicções político-partidárias. Esta opção discursiva pelo partidarismo não significou, no entanto, um desprezo para com os demais segmentos do jornal, que não deixou de também preocupar-se com suas seções informativas e com sua organização tipográfica e comercial. Como as demais publicações diárias, o *Echo* tinha de dedicar especial atenção aos seus interesses financeiros e comerciais, de modo a garantir a sua continuidade como folha de significativa expressão no contexto provincial/estadual.

A manutenção, com pouquíssimas alterações do preço de sua assinatura, foi uma constante no jornal, o que reflete uma preocupação com a venda contínua e sistemática de exemplares, de onde o jornal tirava sua principal fonte de arrecadação.

Durante os primeiros meses da República o periódico optou por prestar um apoio quase irrestrito aos novos detentores do poder, buscando manter nos liberais a representação do inimigo político.

Este jornal, acentuadamente neutro quanto à obrigatoriedade do casamento civil, reproduz integralmente a lei do casamento civil, em cinco edições sucessivas. Além deste, todos os demais atos do governo, referentes a este assunto, foram reproduzidos sem nenhum acréscimo ou tomada de posição.

Na verdade, a única expressão de adesão evidente ao casamento civil deu-se em maio de 1890, quando o jornal destacou uma "corrida" ao registro civil dos casamentos, evitando o ato religioso.

Notícias de agentes que viabilizavam rapidamente os papéis necessários para o casamento civil, de artigos para as noivas, bem como os proclamas, fizeram parte de sua publicação.

### O *Corymbo*

Segundo Flores, foram as irmãs Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro que, em 21 de outubro de 1883, fundaram o jornal o *Corymbo*, periódico de longa duração, alcançando a década de 40 do nosso século.

De caráter eminentemente positivista, o *Corymbo* assistiu, ao longo de sua existência, a uma série de acontecimentos políticos, sociais e econômicos, como a proclamação da República, a I e II Guerra Mundial, a concessão e a retirada do voto feminino, o Estado Novo, entre outros, mas no entanto não se envolveu com nenhuma destas questões. Seu objetivo era "cultivar as letras, as ciências e a luz".<sup>12</sup>

O principal enfoque deste jornal eram as poesias e as crônicas, permeadas por exaltações a figuras cívicas e principalmente pela afirmação

<sup>12</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Corimbo X educação*. In: NEUBERGER, Lotário (org.). *RS: educação e sua história*. Porto Alegre: EDIPLAT, 1998. p. 43.

do papel feminino na família e na sociedade, reafirmando os preceitos positivistas a este respeito; Ismério pondera que este papel, conservador, destacava a mulher como "a rainha do lar e o anjo tutelar" de sua família, devendo esta mulher seguir normas preestabelecidas pelo *Catecismo Positivista* para adequar-se ao modelo idealizado por Comte.<sup>13</sup>

Dando contas de quem faleceu, nasceu ou casou, através de notas breves, Revocata e sua irmã ainda veiculavam colunas sobre a Maçonaria e algumas referências ao catolicismo, como esta poesia assinada por Assis Brasil, logo após a separação da Igreja do Estado:

### "A Igreja

Já foste grande e boa, olímpica e sagrada  
Domavas do tirano a fúria sobranceira  
E era a ti que corria a ovelha amedrontada  
Para fugir do lobo à garra carniceira:

Porém feita de pedra inódoa, emperrada  
Não pudeste seguir dos tempos a carreira:  
Soprou de - 89 - a ríspida rajada  
E o vulto mergulhou-te em nuvens de poeira.

Já te não busca mais a alma entristecida  
Nem o peito que sangra um vórtice cruento  
De mortas ilusões, afeto que trucida:

Gelou-se-te no seio o coração pungente  
E em vão ergues ao céu a torre enegrecida  
Onde pia sinistro o moucho sonolento.

Assis Brasil<sup>14</sup>

Publicando esta poesia, o jornal evidenciava um certo descontentamento pela situação a que fora relegada a Igreja com a sua separação do Estado: esquecida e humilhada, perdeu também sua capacidade agregadora junto à sociedade.

Revocata de Mello faleceu em 1945 e com sua morte deixou de circular o *Corymbo*, que de periodicidade semanal que fora no início de sua circulação, tornou-se, ao final desta, mensal.

<sup>13</sup> ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 19.

<sup>14</sup> *Corymbo*, 13 jun. 1890.